

Osório quer fim do conflito entre o carro e o homem

“O automóvel e o homem vivem em permanente conflito em Brasília. Sobram pistas para os quase 300 mil veículos rodando no Distrito Federal, enquanto faltam calçadas largas e seguras para a população. Em muitos lugares do Plano Piloto, a prioridade é quase total para o carro, esquecendo-se da pessoa”. Foi com este argumento que Osório Adriano, candidato a senador pelo PFL, defendeu ontem uma profunda reestruturação urbana para a cidade, partindo do princípio que o Plano Piloto precisa ser reavaliado, “para consagrar o que deu certo e mudar o que não funciona”.

— A verdade é que Brasília foi projetada e construída numa época em que a indústria automobilística brasileira apenas engatinhava. Assim, fizeram projeções de população e número de carros que foram rapidamente superadas e, hoje, até parecem brincadeiras. Só para se ter uma idéia, entre 1976 e 1983, a frota de veículos registrada no DF saltou de 110 mil para 224 mil. E, atualmente, estamos próximos dos 300 mil.

Osório cita estes números para advertir para uma realidade: existem evidências claras de que um congestionamento de veículos poderá, rapidamente, ser o próximo pesadelo urbano dos moradores de Brasília. A tendência é que o número de carros nas ruas chegue a níveis insuportáveis. “Na maior parte da cidade e durante quase todo o dia, ainda temos um trânsito até tranquilo, do ponto de vista do fluxo de automóveis. Mas isto é porque as pessoas estão todas no trabalho e muitas nem sequer usam seus carros para se transportar ao serviço. Mas nas horas de “rush” existem locais críticos, como o Setor Comercial Sul, onde um simples pneu furado ou uma batida sem maiores consequências pode criar um engarrafamento monstro”, alerta o candidato a senador.

Segundo ele, houve ao longo dos últimos 25 anos uma série de modificações no traçado urbanístico do Plano Piloto, como as vias de transposição da W-3, a ligação da L-2 Norte com a Sul, as tesourinhas, os cruzamentos diagonais sobre a própria W-3, novos tipos de retornos etc. Isto sem falar nos próprios semáforos, implantados já como reflexo de uma situação que ul-

trapassava qualquer planejamento e tornava-se perigosa para o trânsito.

— As deficiências urbanas para o homem em Brasília são visíveis: não há calçadas no Fixão, não há passarelas para proteger o pedestre contra atropelamentos; as passagens subterrâneas devem ser reavaliadas; em todos os viadutos e pasagens as calçadas são sempre estreitas e as amuradas muito baixas e perigosas. Até mictórios públicos não existem. Num momento de necessidade, a população não tem do que se valer — argumenta Osório Adriano.

Os problemas não param aí, segundo o candidato do PFL, porque os próprios automóveis também terminam prejudicados com a desatualização do traçado urbanístico de Brasília. “Apesar de longas e desimpedidas, as principais vias da cidade são estreitas, têm apenas duas ou três pistas, sendo que uma delas está totalmente ocupada pelos ônibus. Nos eixinhos, a situação é mais grave, porque a velocidade é maior e o risco de acidentes aumenta. Os pontos de retorno nas principais avenidas também foram quase todos abolidos, justamente para se evitar congestionamentos. Mas o efeito foi que, agora, há um longo traçado até o próximo retorno, exigindo consumo de combustível ‘excessivo’”, recorda-se Osório.

— O povo, na sua sabedoria, não espera pelas soluções do Governo. Quem não vê nestas imensas trilhas de terra criadas no meio dos gramados uma clara reivindicação por mais calçadas? O cidadão sabe, intuitivamente, qual o caminho melhor, mais rápido e seguro para ir de um ponto a outro. Só que não há calçadas. Então, pisa-se na grama.

Osório só vê uma explicação para que, até hoje, todos estes problemas não tenham merecido a atenção especial dos governos passados. “Os membros da verdadeira legião estrangeira que estiveram governando no DF nas duas últimas décadas, provavelmente, jamais caminharam a pé pela cidade e sentiram de perto estas dificuldades que o cidadão comum enfrenta a cada rua que tenta atravessar ou em cada momento que procura — e nunca encontra — uma vaga para estacionar seu carro”, completa Osório Adriano.